



# INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL DE TRILHAS COMO FERRAMENTA PARA A CONSERVAÇÃO DE ÁREAS NATURAIS PROTEGIDAS

Ulysses José Luber

Aline Roberta Queiroz Lobato

Município: Marechal Floriano  
Distrito: Santa Maria  
Estado: Espírito Santo  
Cep. 29259 - 000  
e - mail: uluber@iema.es.gov.br ou alinerqlobato@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

Historicamente, o rápido crescimento das cidades e da industrialização, com a conseqüente proliferação de ambientes insalubres contribuíram para a valorização da natureza como um lugar de contemplação, fuga e isolamento espiritual. A Interpretação Ambiental nasceu através da busca pelas pessoas em percorrerem caminhos que possibilitassem o contato direto do ser humano com a natureza. Esses caminhos eram trilhados por grupos ou individualmente e eram guiados por pessoas da região, que tinham a função de mostrar o caminho a ser percorrido, bem como garantir a segurança da expedição, além de transmitir de maneira própria as informações de determinadas ocorrências que eram encontradas ao longo do percurso, garantindo uma maior interação das pessoas com o lugar. Essa maneira de transmitir as informações era proporcionada em função de uma sabedoria adquirida pela vivência e experiência que os guias possuíam. Esta forma de olhar, sentir e interpretar a natureza deu origem ao que hoje entendemos como Interpretação Ambiental (ARAÚJO, 2007; CARVALHO *et al.*, 002).

## OBJETIVOS

Apresentar e discutir o conceito, as técnicas e a importância da Interpretação Ambiental em trilhas, como ferramenta para a conservação de áreas naturais prote-

gidas.

## MATERIAL E MÉTODOS

Para a realização desse trabalho, foram feitas pesquisas bibliográficas e posterior discussão acerca do tema.

## RESULTADOS

A Interpretação Ambiental é uma atividade educativa que aspira revelar os significados e as relações existentes no ambiente, por meio de objetos originais, do contato direto com o recurso e de meios ilustrativos, em vez de simplesmente comunicar informação literal. É uma técnica didática, flexível e amoldável às mais diversas situações, que busca esclarecer os fenômenos da natureza, para determinado público - alvo, em linguagem adequada e acessível, utilizando os mais variados meios auxiliares para tal (TILDEN, 1977; PAGANI *et al.*, 998).

Em Unidades de Conservação, as trilhas interpretativas têm sido utilizadas basicamente com o objetivo de sensibilizar o público, contribuindo assim com um dos objetivos dessas áreas, o de promover a educação ambiental. Seu planejamento e construção devem obedecer a uma série de pressupostos para que atenda tanto as necessidades dos usuários, como da conservação do ambiente. Podem ser classificadas em: trilhas guiadas, que

requerem a presença de um intérprete treinado, e trilhas autoguiadas, que possuem pontos de parada marcados, onde o visitante auxiliado por placas, painéis ou por folhetos explora o percurso sem o acompanhamento de um guia.

Uma das grandes vantagens da trilha guiada é o envolvimento entre o público e o intérprete, porém, principalmente pela escassez de recursos humanos nas UC's, a visita em trilhas autoguiadas pode ser uma alternativa. No entanto, alguns aspectos negativos são evidenciados para este tipo de trilha, como por exemplo, a exposição ao vandalismo e o alto custo de manutenção devido à intensificação do uso. De toda forma, a opção por cada tipo de trilha dependerá das características do local e da disponibilidade de recursos de cada UC, podendo ser utilizada de forma independente e também de maneira complementar, enriquecendo a atratividade do local.

De acordo com Carvalho *et al.*, (2002), para que os trabalhos de interpretação ambiental não sejam comprometidos, alguns aspectos devem ser atentamente observados, tais como: potencial interpretativo da trilha, acessibilidade e segurança, extensão, número de pontos e paradas, tipos de formato, sinalização e comunicação visual. Para o intérprete, a excessiva utilização de termos técnicos e a inadequada influência na percepção do visitante, são fatores que diminuem a atratividade do percurso.

Espera-se que as trilhas sejam laboratórios naturais, o que torna necessário que a trilha como um todo seja monitorada, desde aspectos físicos à sensibilização do público - alvo. Para isso, o correto manejo desses espaços e metodologias de avaliação como questionários e dinâmicas pré e pós visitas são importantes para o monitoramento das atividades de Interpretação Ambiental.

## CONCLUSÃO

Apesar de a maioria das unidades de conservação do país, enfrentar sérios obstáculos à sua consolidação, a crescente visitação vem exigindo dessas áreas protegidas o aumento da demanda por atividades de interpretação ambiental, que ainda não são satisfatoriamente atendidas, principalmente pela indisponibilidade de intérpretes ambientais. Nesse sentido, é necessário promover a capacitação de servidores que desenvolvem atividades de interpretação ambiental nas unidades de conservação, além de formar parcerias com comunidades do entorno, identificando possíveis intérpretes e capacitando - os, já que esta última valoriza a absorção de mão de obra local, além de sensibilizar as comunidades do entorno para o desenvolvimento sustentável de ambos.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, M. A. R. Unidades de Conservação no Brasil: da República à Gestão de Classe Mundial. Belo Horizonte: SEGRAC, 2007.
- CARVALHO *et al.*, Manual de Introdução à Interpretação Ambiental. Belo Horizonte: Projeto Doces Matas/Grupo Temático de Interpretação Ambiental, 2002.
- PAGANI, F. *et al.*, As trilhas interpretativas da natureza e o ecoturismo. In: Vasconcelos, F.P. Turismo e Meio Ambiente. Fortaleza: FUNECE, 1998.
- TILDEN, F. Interpreting our heritage. 3 ed. North Carolina: The University of North Carolina Press, 1977.
- VASCONCELLOS, J. Educação e Interpretação Ambiental no Manejo de Unidades de Conservação. In: Curso de planejamento de Áreas Naturais Protegidas. Guaraqueçaba: Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, 2005.